



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Folha de S. Paulo

Data: 21/06/09

Caderno / Página: Mais! / 8 e 9

Assunto: USP comparada

USP USP USP comparada

Universidade de Cambridge por Maria Lúcia Pallares-Burke

A convite da Folha, Maria Lúcia Pallares-Burke, Leopoldo Bernucci e Katia Mattoso discutem o que diferencia a principal universidade brasileira de suas congêneres em Cambridge, Paris e Califórnia

Três renomados acadêmicos respondem ao seguinte questionário:

1 - Como avalia a atual greve da USP e os confrontos dela decorrentes (como entre reitoria e grevistas)?

2 - Em que uma greve em universidades estrangeiras difere de uma greve na USP?

3 - Como avalia o sistema universitário brasileiro em comparação aos estrangeiros?

4 - Grevistas argumentam que o cargo do reitor da USP não representa a instituição, pelo fato de a escolha do cargo ser feita pelo Poder Executivo. Quais critérios norteiam a escolha de professores nas universidades em que trabalhou?

5 - Qual é a imagem da universidade pública brasileira junto das instituições acadêmicas estrangeiras? Em sua opinião, ela tem ampliado seu respaldo científico-institucional no exterior?

DA REDAÇÃO

Leia abaixo trechos da entrevista concedida pela historiadora Maria Lúcia Pallares-Burke. (EUCLIDES SANTOS MENDES)

1

É difícil, ou mesmo impossível, avaliar de longe a atual greve da USP. Mas confesso que tenho a triste sensação de um "dejà vu".

Tenho recebido comunicados da reitoria dirigidos ao "caro servidor", justificando a presença da Polícia Militar no campus como algo que se tornou necessário para a "defesa dos princípios democráticos" -devido a ação de "grupos de militantes políticos profissionais", que há décadas estariam atuando na universidade.

Por outro lado, também recebo informações de professores e estudantes da USP que apresentam um quadro totalmente diferente, em que o direito democrático para demonstrações [de insatisfação] e greves estaria sendo enfrentado pela direção da universidade com autoritarismo, insensatez e violência.

2

Fala-se hoje no Reino Unido em uma redescoberta do poder da ação direta, da ação das greves, em vários setores, incluindo fábricas e universidades, e envolvendo piquetes como forma de persuasão.

Esse foi o caso da recente greve do metrô de Londres [em 10/ 6], mas sem que isso desencadeiasse violência policial. Neste ano, por exemplo, houve uma onda de greves e de ocupações, muitas com resultados, não só na indústria como nas universidades.

No caso das indústrias, tratava-se, em muitos casos, de reação às medidas tomadas por seus dirigentes diante da crise econômica -como despedir empregados sem aviso prévio e sem pagamento.

No caso das universidades, de janeiro a março deste ano, houve o que tem sido descrito como a "maior onda de ocupações de universidades" desde a década de 1960. Naquela época, o motivo principal era [a manifestação contra] a Guerra do Vietnã [1957-75], enquanto neste ano tem sido a violência contra os palestinos em Gaza.

Em 35 universidades britânicas, estudantes invadiram parte de suas unidades e em muitas delas obtiveram ganhos como, por exemplo, bolsas de estudos para palestinos. As greves de professores no Reino Unido são organizadas nacionalmente pela Associação dos Sindicatos de Professores Universitários e, pelo que sei, foram eles que organizaram as últimas greves de 2006 e 2004 para reivindicar aumento de salário.

A greve consistia na não entrega das notas dos exames finais dos alunos. Essas disputas foram, e têm sido, geralmente resolvidas por negociações, sem nenhuma participação da polícia -algo impensável aqui. No caso dos

estudantes, apesar de também haver uma associação nacional, as ações são em geral tomadas separadamente em cada universidade.

Normalmente, não fazem greves propriamente, mas o que chamam de "sit-in", ou seja, invasões de prédios do campus, que vão desde salas de aula, teatros e escritórios administrativos até as salas dos próprios reitores.

3

Comparando as melhores universidades britânicas com as melhores brasileiras, o que chama a atenção, no caso do Brasil, é a combinação de excelência com falta de recursos.

A quantidade de dinheiro privado e público que, por exemplo, a Universidade de Cambridge recebe para pesquisa - que permite haver um professor para cada dez alunos e riquíssimas bibliotecas- necessariamente repercute na sua produção.

4

O reitor não é eleito diretamente pela comunidade acadêmica. É anunciado o posto, e um comitê de professores analisa as "applications" [pedidos de candidatura]. O comitê leva em consideração sobretudo a capacidade administrativa dos candidatos.

Aqui os postos universitários têm de ser anunciados publicamente nos jornais e todos os candidatos devem submeter, junto com seus papéis, uma lista de pessoas a quem a instituição pedirá referências. Os candidatos selecionados são entrevistados e fazem, em geral, uma apresentação pública de seu projeto de trabalho ou dão uma aula.

Em geral, após três anos, a pessoa pode ser efetivada. Nesse processo de seleção, as referências são essenciais e privilegiam aqueles que têm o respaldo dos nomes mais eminentes no seu campo. Isso significa que quem fez o doutorado na Inglaterra, e especialmente com um supervisor de renome, tem uma grande vantagem em relação a outros candidatos vindos de instituições de menor prestígio ou menos conhecidas.

Há também a questão cultural, pois mesmo uma pessoa de renome de outra cultura dificilmente saberá escrever a carta no tom e nos dizeres que repercutem positivamente entre os examinadores locais. Quanto à avaliação das várias universidades, isso é feito a cada cinco anos, quando os departamentos são examinados por acadêmicos de outras instituições. A verba dada pelo governo a cada instituição depende do resultado desse Exercício de Avaliação de Pesquisa, que data dos anos 1980.

As greves são resolvidas por negociações, sem a presença da polícia, impensável no Reino Unido

5

Muitas pessoas das universidades inglesas nada sabem sobre a USP e desconhecem o fato de ela ser a melhor universidade da América do Sul, segundo pesquisa de 2008 [realizada pelo Institute of Higher Education da Shanghai Jiao Tong University] sobre as melhores universidades do mundo [a USP subiu da 128ª para a 121ª posição no ranking].

Com certeza há cientistas que conhecem alguns de seus laboratórios e equipes de pesquisa, mas, de modo geral, e especialmente no campo das humanidades, o desconhecimento é generalizado. Haveria, pois, muito a ser feito para difundir no exterior as realizações da USP. E isso tem de partir do Brasil, pois se trata de lutar contra um desinteresse e uma ignorância seculares sobre a cultura brasileira.

MARIA LÚCIA PALLARES-BURKE é professora aposentada da USP e pesquisadora associada do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Cambridge. É autora de "Gilberto Freyre - Um Vitoriano dos Trópicos" (ed. Unesp), entre outros livros.

Universidade de Paris por Katia Mattoso

DA REDAÇÃO

A seguir, leia trechos da entrevista concedida por telefone pela historiadora Katia Mattoso. (ERNANE GUIMARÃES NETO)

1

Sempre se diz que o governo federal atual deve muito ao professorado da USP. Em torno do presidente [Lula], pelo menos nos primeiros anos, havia uma presença muito marcante de docentes, principalmente da USP, das áreas de sociologia, história etc. Não sei se continua assim... Outra coisa é a consciência política que se tem e as reações diante de problemas que são, na realidade, de sobrevivência.

Mas é um problema em todo o mundo. Eu, por exemplo, ensinei na Sorbonne, uma das mais tradicionais e mais arcaizantes, do ponto de vista político, universidades de Paris. Nessa universidade, houve uma greve iniciada em fevereiro e que terminou há apenas três semanas [no final de maio, as aulas foram retomadas, mas ainda há protestos].

Nas greves, as lideranças são uma minoria muito bem preparada para mobilizar os alunos. Eles têm técnica, sabem como devem fazer. Na Sorbonne é assim também.

2

No caso da Sorbonne, as reivindicações não eram salariais, mas sim contra o governo, que queria introduzir medidas que não foram aceitas pelos professores, sobre transformação no funcionamento dos departamentos.

Em todos os países que conheço, mesmo na Grécia [onde vive], a greve é uma coisa recorrente, que passou a ser um recurso mesmo para questões que poderiam ser solucionadas muito rapidamente.

Falta boa vontade para o diálogo entre os que fazem reivindicações e os que estão do outro lado. Na Grécia, vi greves durarem seis meses. São apoiadas pelo corpo discente. Na França, essa foi uma greve de protesto pela soberania da universidade em relação ao ministério da Educação, que quis fazer reformas sem se haver entendido com o corpo docente. O acordo foi entre o corpo docente e o corpo discente; formou-se uma resistência muito grande.

É interessante que a adesão foi de todas as partes: da mais extrema esquerda à mais extrema direita. Na Grécia também há consenso entre estudantes e professores. A situação não é como antigamente, quando havia mais greve de estudantes que de professores.

3

As universidades recebem muito mais alunos do que realmente pode. Há uma desproporção entre o corpo docente e o discente. A carga horária de um professor na Sorbonne é de seis horas por semana, no máximo -incluindo seminários. E mesmo assim os franceses acham muito.

4

Na França o reitor é eleito pelo corpo docente e pelo corpo discente, por meio de conselhos. O governo não pode fazer nada, pois as universidades são independentes -a independência data da época medieval: ninguém toca nelas. É o modelo mais apropriado. Que conhecimento tem o governador da realidade de uma universidade para julgar quem seria o mais capaz para ela?

5

Quando fui candidata ao posto de história do Brasil [na Sorbonne], numa das instâncias da universidade que votam pelos novos professores alguém se levantou e objetou a meu nome porque "soube" que eu seria de esquerda. Só porque eu vinha do Brasil, eu teria de ser de esquerda. Nunca fiz política nenhuma -não sou de direita, tampouco do Partido Comunista...

FOLHA - Os movimentos grevistas na França partem de sindicatos?

MATTOSO - De sindicatos, sim, mas na Sorbonne todos aderiram. Mas não tem nada a ver com as greves da época em que eu morava no Brasil. Após um mês, tudo entrava em ordem; agora, não: há um mal-estar generalizado. Quando eu ensinava no Brasil, as greves duravam muito menos tempo do que agora. Na França os professores irão dar um mês e meio de aula para cobrir um semestre; na Grécia é assim também. Há que perguntar o que é que se aprende num semestre desses. Os professores, apesar de aderirem à greve, no final se sentem culpados, pois os alunos mal veem a matéria.

FOLHA - Apesar dessa preocupação, na greve francesa deste ano os alunos mantiveram piquetes e fecharam instituições...

MATTOSO - Sim, havia inclusive professores que davam aulas fora da universidade, porque estava fechada. O mais interessante é que a greve na Sorbonne começou com gente mais à esquerda, mas todo o corpo docente aderiu - com raríssimas exceções.

FOLHA - A Sorbonne representa a mentalidade política francesa?

MATTOSO - A Sorbonne é conhecida por abrigar professores de direita, mas nos últimos anos tem havido um princípio de abertura, com mais pessoas de centro-esquerda. O corpo discente, como de hábito, tem de tudo. Todas as universidades francesas são obrigadas a terem como alunos pessoas advindas de todos os meios sociais.

KATIA MATTOSO aposentou-se como professora emérita de história do Brasil em Paris 4 e lecionou na Universidade Católica de Salvador e na Universidade Federal da Bahia. É autora de "Ser Escravo no Brasil" (Brasiliense).

Universidade da Califórnia por Leopoldo Bernucci

DA REDAÇÃO

Leia abaixo a entrevista concedida por e-mail por Leopoldo Bernucci. (ESM)

1

A greve na USP, como em qualquer instituição pública, é um instrumento legítimo de reivindicações trabalhistas. Mas, da maneira como a "cultura da greve" tem sido desenvolvida e assimilada, modo recorrente nos últimos tempos na USP, temo que ela tenha perdido o seu real significado. De modo geral, uma greve exige negociações entre as partes e pede que estas sejam flexíveis, práticas e, sobretudo, razoáveis com respeito aos pontos reivindicados.

Portanto, parece-me que tanto a administração da universidade quanto os funcionários deveriam estabelecer um cronograma para as negociações e conduzi-las de modo respeitoso, realista e prático. Prático, porque as negociações não podem ser intermináveis, e a USP não pode continuar paralisada "ad infinitum".

As universidades públicas dos EUA são pagas; é impensável ver alunos ou funcionários as destruírem

2

Quanto à greve, professores e alunos [da Universidade da Califórnia], nunca nos envolvemos nessas atividades. Os aumentos anuais de salários dos professores -de, no máximo, 2% a 2,5% para todos [na USP, os funcionários e professores em greve pedem reajuste de 16% mais um aumento de R\$ 200 fixos] e ainda por mérito, com base em casos individuais- distancia-se do modelo brasileiro.

Além disso, os salários não estão regulados por nenhum sindicato. Quando ocorrem greves de funcionários, algo bastante raro, elas normalmente têm um prazo estabelecido para terminar. As negociações duram poucos dias e se estendem pela noite afora, até que as duas partes cheguem a um acordo.

É impensável ver alunos ou funcionários invadindo ou destruindo as instalações da reitoria ou de outras dependências da administração e, muito menos, a presença do corpo policial no campus. Portanto, é o sentido prático e de coleguismo que leva todos a adotarem uma atitude consensual para que as atividades sejam normalizadas imediatamente e não prejudiquem o bom funcionamento das aulas e dos negócios da máquina administrativa da universidade.

3

O que posso afirmar é que os sistemas norte-americano e brasileiro são muito diferentes. Em primeiro lugar, as universidades públicas dos EUA são todas pagas. Os bons alunos que não possuem meios de pagar a escola recebem bolsas parciais ou integrais dos governos estadual ou federal.

Mas como regra geral todos têm que pagar matrícula anual e mensalidades para o sustento adequado da instituição. Como o sistema de universidades públicas vem recebendo menos verbas dos governos nos últimos 20 anos nos EUA, as instituições universitárias, na atualidade, têm que ser mais criativas para manter o seu bom sustento e o padrão de qualidade.

Os alunos têm muita facilidade para obter empréstimos de agências do governo federal. Um dado curioso, e que parece que ainda não foi muito compreendido aqui no Brasil, é a parceria entre a universidade pública e a empresa privada. Daí nascem acordos que beneficiam ambas as partes, sem que se comprometa necessariamente a integridade acadêmica e moral da instituição.

Há um certo mito -no Brasil e em toda a América Latina- segundo o qual essa união descaracteriza a boa imagem da universidade pública, quando, na verdade, produz efeitos muito positivos. Hoje em dia, nenhuma universidade pública dos EUA poderia manter-se sem o auxílio de fundos de doações privadas.

4

Na Universidade da Califórnia, a escolha do reitor tem muito pouco a ver com as decisões dos diversos grupos que compõem a instituição. O reitor é escolhido por uma comissão de regentes (Board of Regents) formada por 26 membros. Dezoito são nomeados pelo governador da Califórnia por um período de 12 anos, um é um estudante nomeado pelos regentes e sete são membros "ex officio".

A comissão leva em consideração a experiência administrativa e a visibilidade acadêmica do candidato a reitor. O processo de contratação dos professores universitários na Universidade da Califórnia segue as mesmas pautas do processo de outras instituições dos EUA, inclusive as privadas. As vagas são anunciadas publicamente, forma-se uma comissão para examinar as solicitações, realiza-se uma triagem no final do processo, e os três finalistas são convidados para entrevistas de dois ou três dias no campus universitário.

Como parte da entrevista, o candidato dá uma conferência aberta ao público. Normalmente, o candidato escolhido assina um contrato de seis anos e, nesse período, prepara-se para a sua efetivação -que lhe é outorgada somente após passar por duas fases de avaliação das três áreas (ensino, pesquisa e serviço administrativo) e, logicamente, ser aprovado.

Recebendo a sua efetivação ("tenure"), o próximo passo ("full professor") no processo das promoções da carreira universitária se dá entre sete e dez anos mais tarde. Nessa última etapa, há outra avaliação semelhante à já realizada para a efetivação do professor, com duas comissões de parecer, uma interna e outra externa ao departamento do candidato.

5

A USP, em seu conjunto, continua sendo a instituição acadêmica mais prestigiosa do Brasil nos EUA. Como tal, se define como um modelo exemplar de instituição acadêmica que coaduna de forma equilibrada ensino e pesquisa.

LEOPOLDO BERNUCCI é professor de estudos latino-americanos na Universidade da Califórnia, em Davis. Foi professor visitante na USP e também lecionou nas universidades Yale, do Colorado e do Texas (EUA). É autor de "A Imitação dos Sentidos" (Edusp), entre outros livros.

Folha Online

Sobre esse tema, leia também entrevista com a especialista em literatura portuguesa e professora na Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha, Yara Frateschi Vieira